



SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTINIANOS CONTEMPORÂNEOS

Narrativas autobiográficas e escrita acadêmica: um olhar para o autorrevelar-se em textos monográficos do curso de Pedagogia/Educação

Autobiographic narratives and academic writing: a look into self-disclosure in monographic texts from the Pedagogy/Education academic major

Narrativas autobiográficas y escrita académica: una visión sobre la autorrevelación en textos monográficos de la carrera de Pedagogia/Educación

Patrícia Azevedo

Gonçalves¹

orcid.org/0000-0002-1442-8185

patricia.goncalves87@edu.pucrs.br

Recebido em: 5 abr. 2021.

Aprovado em: 11 ago. 2021.

Publicado em: 10 fev. 2022.

Resumo: O presente artigo teve por objetivo compreender, através da análise da seleção de experiências e das escolhas quanto aos modos de narrar, como estudantes e educadoras graduadas no curso de Pedagogia/Educação se inscrevem enquanto autoras de seus textos autobiográficos e mobilizam estratégias de distanciamento e auto-objetificação. Para tanto, após abordagem teórica acerca de temas como autoria, consciência individual, excedente de visão e auto-objetificação, na análise, foram discutidos enunciados de três trabalhos acadêmicos de universidades de Porto Alegre/RS e Região Metropolitana publicados no segundo semestre de 2020. Nossa proposta buscou dialogar, principalmente, com os textos *Por uma metodologia das Ciências Humanas* (BAKHTIN, 2017) e *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010). Como resultado de nossa investigação, destacam-se estratégias como a escolha lexical (metaforização, emprego de adjetivos) para semiotização e valoração dos eventos narrados; o emprego de primeira pessoa e o diálogo aberto como formas de instanciar a ética e a responsabilidade pelos posicionamentos assumidos, bem como materializar previsões quanto ao auditório social dos textos produzidos; e a construção de um projeto de texto no qual os agentes partícipes dos atos recuperados são categorizados e suas ações são reacentuadas em diálogo com outras narrativas. A reflexão aqui proposta justifica-se pela importância de se dar visibilidade aos discursos contemporâneos enunciados pelos sujeitos que constituem a Educação Básica e às valorações produzidas quanto à sua identidade e ao escopo de sua atuação profissional, buscando, em um compromisso ativo e ético, lançar um olhar atento, exotópico e empático aos educadores, principalmente aqueles que se encontram em uma etapa inicial de sua formação docente.

Palavras-chave: Escrita Acadêmica. Narrativas Autobiográficas. Auto-Objetificação. Excedente de Visão. Autoria.

Abstract: The present paper aims to understand, by analyzing experience choices and the way they are narrated, how undergraduate students in the Pedagogy/Education major insert themselves as authors of their autobiographic texts and use distancing and self-objectification strategies. Thus, after a theoretical approach regarding topics such as authorship, individual conscience, excess of seeing and knowledge and self-objectification, sentences from four academic papers were discussed in the analysis. Our proposal aimed to organize itself based on works such as *Toward a Methodology for the Human Sciences* (BAKHTIN, 2017) and *Toward a Philosophy of the Act* (BAKHTIN, 2010). Resulting from our investigation, we highlight strategies such as lexical choice (metaphorization, adjective employment) to give a semiotic and valued perspective to the narrated events; the employment of first person and the open dialogue as ways to instantiate ethics and responsibility for the assumed positioning, as well as to materialize predictions regarding the social auditorium of texts produced; and the construction of a text



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

project in which the participating agents in the retold acts are categorized and their actions are re-accentuated in a dialogue with other narratives. The discussion proposed in this paper is justified by the importance of attracting attention to contemporary discourses uttered by subjects that comprise Basic Education and to the valuations produced regarding their identity and the scope of their professional performance, in the aim of, in an active and ethical commitment, taking an empathetic, exotopic and attentive look on educators, mainly those who are in the initial stages of their teacher training.

Keywords: Academic writing. Autobiographic narratives. Self-objectification. Excess of seeing. Authorship.

Resumen: El presente artículo tuvo el objetivo de comprender, analizando la selección de experiencias y decisiones cuanto a los modos de narrar, cómo estudiantes y educadoras diplomadas en la carrera de Pedagogía/Educación se inscriben como autoras de sus textos autobiográficos y movilizan estrategias de distanciamiento y auto-objetificación. Para tanto, tras un abordaje teórico acerca de temas como autoría, conciencia individual, excedente de visión y auto-objetificación, en el análisis, se discutieron enunciados de tres trabajos académicos de universidades de Porto Alegre/RS y Región Metropolitana publicados durante el segundo semestre de 2020. Nuestra propuesta buscó dialogar, principalmente, con los textos *Por una metodología das Ciências Humanas* (BAJTIN, 2017) y *Para una filosofía do ato responsável* (BAJTIN, 2010). Como resultado de nuestra investigación, se destacan estrategias como la selección lexical (metaforización, empleo de adjetivos) para semiotización y valoración de los eventos narrados; el empleo de la primera persona y el diálogo abierto como formas de instanciar la ética y la responsabilidad por las posiciones asumidas, como también materializar previsiones con respecto al auditorio social de los textos producidos; y la construcción de un proyecto de texto en el que los agentes participes de los actos recuperados se categorizan y sus acciones se reacentúan en diálogo con otras narrativas. La reflexión aquí propuesta se justifica por la importancia de dar visibilidad a los discursos contemporáneos enunciados por los sujetos que constituyen la Educación Básica y a las valoraciones producidas cuanto a su identidad y al alcance de su actuación profesional, buscando, en un compromiso activo y ético, ver con atención, exotopía y empatía a los educadores, principalmente a los que se encuentran en una etapa inicial de su formación docente.

Palabras clave: Escrita Académica. Narrativas Autobiográficas. Auto-Objetificación. Excedente de Visión. Autoría.

Palavras iniciais

“O autor se encontra naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente, e é na forma que mais percebemos a sua presença”.

(BAKHTIN, 2017, p. 65)

Ao ingressar no Ensino Superior, grande parte dos alunos é desafiado a apreender novas de-

mandas discursivas, pois, apesar dos inúmeros avanços teóricos acerca dos letramentos, ainda paira, em contextos acadêmicos, a crença de que as complexas convenções que regulam a escrita acadêmica são transparentes para quem faz parte ou intenta ingressar neste meio, naquilo que Lillis (1999) chama de “prática institucional do mistério”. A lógica da erudição dessa esfera de atividade se materializa, dentre outros aspectos, “quanto à familiarização com artefatos de escrita vinculados à ideologia oficial [...], com representações de mundo a eles correlatas” (CERUTTI-RIZZATTI; DALLAGNELO, 2016, p. 64). Isto é, enquanto campo de atividade humana especializado, o meio acadêmico produz e atualiza uma série de gêneros discursivos atrelados a uma arquitetura que educandos, por vezes, ignoram: as restrições de determinados gêneros enquanto atos enunciativos; a instituição acadêmica enquanto contexto particular; as diferentes discursividades constitutivas do meio científico; as valorações em disputa no mundo da cultura letrada; etc.

Diante desse contexto, os Estudos do Texto e do Discurso, em uma perspectiva bakhtiniana e em adição ao que propõem os Novos Estudos do Letramento, ainda têm muito a contribuir para questões como autoria e intersubjetividade no Ensino Superior, principalmente considerando-se práticas limítrofes como a escrita de autobiografias que deverão constituir trabalhos escritos ou apresentações/falas dentro dos espaços acadêmicos. Falar de si tendo como horizonte social não somente um outro concreto – professor, orientador, avaliador –, como também um outro apenas pressuposto – auditorio social em sentido amplo, possíveis futuros leitores/ouvintes – pode configurar-se como um desafio, que, por si só, já justificaria estudos e pesquisas. Mas para além de uma motivação mais pragmática de se discutir questões relativas à escrita acadêmica enquanto procedimento instrumental de inserção de educandos em novas atividades/esferas que demandam diferentes graus de letramentos, muito ainda se tem a discutir sobre a constituição da autoria, compreendendo-a enquanto evento do ser, enquanto ação de “autorar” (FARACO, 2009).

Assim, tendo por fio condutor a questão da autoria, este estudo procura pensar questões como índices de autoria, excedente de visão e acabamento estético do enunciado a partir da análise de textos de graduandas/graduadas do curso de Pedagogia, isto é, educadoras em formação, que foram instadas a escrever relatos, narrativas autobiográficas relacionadas ao momento de estágio ou determinada prática/projeto didático, em uma concepção do conhecimento acadêmico em equipolência com o conhecimento empírico e em uma compreensão de que as escolhas dos sujeitos, dos agentes no campo da educação são moldadas socio-historicamente; e, de igual modo, sua tentativa de descrever, sua ação de narrar configuram-se não como um ato neutro que abarca a totalidade dos eventos, mas como semiotização do vivido atravessada por vozes sociais e pela posição axiológica do autor-criador e cerceada pelos limites da expressão verbal quanto à capacidade de apreender o mundo da vida (BAKHTIN, 2010).

Nosso diálogo, cumpre registrar, se dará principalmente com os textos *Por uma metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2017) e *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010), os quais servirão de lugares a partir dos quais analisaremos aspectos como autoria, alteridade e auto-objetificação instanciados nos textos que compõem nossa análise.

A reflexão aqui proposta, acreditamos, justifica-se dada a relevância de se dar visibilidade aos discursos contemporâneos enunciados pelos sujeitos que constituem a Educação Básica – enquanto esfera de atividade humana essencial para a construção de sociedades equânimes e democráticas – e às valorações que produzidas sobre sua identidade e escopo de sua atuação profissional, buscando, em um compromisso ativo e ético, lançar um olhar atento, exotópico e empático aos educadores, principalmente aqueles que se encontram em uma etapa inicial de sua formação docente.

Feita esta preleção inicial, nas seções seguintes, apresentaremos os pressupostos teóricos que sustentam esta reflexão; depois, traçaremos uma breve descrição do método empregado, seguida de nossa análise dos relatos de três educadoras.

Finalizam este artigo os apontamentos finais e as referências que constituem nosso interdiscurso.

Escrita acadêmica e narrativas autobiográficas: confluência entre as esferas acadêmica e literária, questões sobre intersubjetividade, alteridade e autoria

"Autorar [...] é orientar-se na atmosfera heteroglôssica; é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica; é trabalhar nas fronteiras".

(FARACO, 2009, p. 87, grifo do autor)

A Teoria Discursiva proposta por Mikhail Bakhtin e demais autores que constituíram o posteriormente nomeado Círculo de Bakhtin compreende que todo emprego linguístico se efetua em forma de enunciados, os quais refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo de atividade humana, não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016). Cada enunciado particular é individual, mas configura-se, no âmbito de cada campo de utilização da língua, por meio de tipos relativamente estáveis de enunciados, denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016).

Conforme sistematização proposta por Grillo (2012), a interação, que se dá entre indivíduos organizados socialmente, coloca em jogo condições sócio-históricas de duas naturezas: (i) a *situação social mais imediata*, cujos componentes são o horizonte social comum aos coenunciadores (a unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados por estes, e a avaliação que fazem dessa situação; (ii) o *meio social mais amplo*, o qual se define, por um lado, pelas especificidades de cada esfera ideológica (ciência, literatura) e, por outro, por determinado horizonte social, com temas recorrentes. Logo, no emaranhado complexo dessas relações entre sujeito e meio, sujeito e seus pares, sujeito e atividades, sujeito e forças ideológicas,

"o discurso não é concebido como um reflexo da situação, mas como seu *acabamento avaliativo*" (GRILLO, 2012, p. 138, grifo nosso).

Portanto, pensar na escrita em esfera acadêmica e, em específico, pensar em narrativas autobiográficas como elementos constitutivos dos gêneros monografia/artigo/relatório acadêmico, portanto um subgênero dentro de gêneros mais complexos, é considerar tanto os atravessamentos da situação social mais imediata, que coloca o estudante de graduação/recém-graduado frente a seus pares, em uma situação de avaliação e de compartilhamento de conhecimentos e experiências circunscritas a um campo científico/profissional, quanto as forças e vozes advindas do meio social em sentido lato: o que se espera e "convém" registrar em um texto de esfera acadêmica, quais temas lhe são imprescindíveis, quais escolhas materializarão singularidade e autoria.

Segundo Sheila Grillo (2012, p. 133), o conceito de esfera da atividade humana e seus correlatos (esfera da comunicação discursiva, da criatividade ideológica, da comunicação social, da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia) perpassam toda a obra do Círculo, "iluminando, por um lado, a teorização dos aspectos sociais das obras literárias e, por outro, a natureza ao mesmo tempo onipresente e diversa da linguagem verbal humana". As esferas, de acordo com a proposição da autora, podem ser compreendidas como um nível específico de coerções que constitui as produções ideológicas, conforme a lógica de cada campo.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da *representação*, do símbolo religioso, da fórmula científica, da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (VOLÓCHINOV, 2018, p. 33, grifo do autor).

Outro aspecto a ser destacado quanto às esferas de atividade diz respeito à linguagem própria que faz parte da emergência de cada campo, linguagem que "engloba esquemas de classi-

ficação e de apreciação que visam, segundo a lógica interna do campo, construir hierarquias e modos de percepção" (GRILLO, 2012, p. 151). Assim, a produção de sentido também é tocada pela arquetônica organizadora das diferentes esferas e pelo auditório que lhe é típico: "cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica do destinatário que o determina como gênero" (BAKHTIN, 2016, p. 31).

Ao construir um texto autobiográfico, o autor "precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido"; para tanto, precisa dar à autobiografia certo acabamento, "o que ele só alcançará se distanciar-se dela, se olhá-la de fora, se tornar-se um outro em relação a si mesmo" (FARACO, 2009, p. 95), isto é, em um movimento de auto-objetificação, deve olhar-se com certo excedente de visão e conhecimento. Nas palavras de Bakhtin (2017, p. 58), trata-se da "capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo", em uma "complexa dialética do interior e do exterior".

Observa-se, portanto, não apenas uma enunciação que se objetiva "neutra", mas uma responsividade assumida e ativa, que visa contribuir, com seu fazer científico e empírico, para uma maior compreensão de sua esfera de atividade:

Na compreensão efetiva, real e concreta, [os atos particulares] se fundem indissolavelmente em um processo único de compreensão, porém cada ato particular tem uma autonomia semântica (de conteúdo) ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto (BAKHTIN, 2017, p. 62-63).

Igualmente, ao tematizar este gênero, é fundamental considerar que um segundo participante está sempre implicado no evento da autocontemplação, isto é, há, na escrita autobiográfica, além de um alto grau de subjetividade manifesta, um "primado da alteridade": preciso passar pela consciência do outro para "me" constituir e considerar.

Na perspectiva de linguagem, vida e sociedade proposta pelo Círculo, a descrição (o relato) jaz sempre em uma condição de incompletude; é responsiva, axiológica, ideológica, ética, mas

sempre incompleta – pois é em si apenas uma das infinitas possibilidades de interpretação realizáveis pela multiplicidade de sujeitos que agem e interpretam sobre e pela linguagem; – e sempre singular – pois materializa uma visão atravessada por múltiplos discursos, os quais são mediados por encadeamentos semânticos engendrados pelos acentos avaliativos e pela autoconsciência próprios a cada sujeito. Logo, temos a interpretação “como visão do *sentido*, não uma visão fenomênica e sim uma visão do sentido vivo da vivência na expressão, uma visão do fenômeno internamente compreendido, por assim dizer, autocompreendido” (BAKHTIN, 2017, p. 60-61, grifo do autor).

Cabe ainda, neste momento de nossa reflexão, retomar a compreensão do Círculo acerca da consciência individual. Construída por meio da interação e sendo atravessada pelo universo da cultura, ela constitui-se dialogicamente e se manifesta semioticamente, uma vez que os signos são sociais, e os enunciados concretos são produzidos no contexto da dinâmica histórica da comunicação (FARACO, 2009). Na consciência individual, se materializa, também, o princípio do “grande diálogo”, pois tem sua realização a partir de um duplo movimento: “como réplica ao já dito e também sob o condicionamento da réplica ainda não dita, mas já solicitada e prevista” (FARACO, 2009, p. 42). O sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seus enunciados marcas profundas de sua sociedade, experiências, pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir/ler, tendo em vista dado contexto social, integrando o grande diálogo universal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua (VOLÓCHINOV, 2018, p. 123).

Assim, nos atos artísticos/literários (no quais, podemos compreender a autobiografia, em sentido amplo), a realidade vivida, “já em si atravessada

por diferentes valorações sociais”, é transposta para um outro plano axiológico, para o plano da obra, isto é, “o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores” (FARACO, 2012, p. 38).

No contexto interior ao sujeito, portanto, os materiais semióticos, signos advindos do meio social, assumem “nova significação” devido à sua inserção em um “novo contexto vivencial”. Por conseguinte, a expressão individual é dialogicamente orientada, posto que sua manifestação se dá sempre em razão das condições da existência dos sujeitos e de sua relação com a alteridade (GRILLO, 2012). O autor-criador, por sua vez, materializará em cada ato enunciativo “uma função narrativa imanente, que condensa, num todo estético, um determinado feixe de relações valorativas” (FARACO, 2012, p. 42).

Ainda sobre o ato artístico, conforme retoma Faraco (2012, p. 39), os aspectos do plano da vida são destacados, isolados de sua eventicidade, sendo organizados de um novo modo, subordinados a uma nova unidade, “condensados numa imagem autocontida e acabada”. Nessa dimensão, o autor-criador realiza uma transposição de um plano de valores para outro, organizando *um novo mundo* e sustentando essa nova unidade. Por consequência, “ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente” (FARACO, 2012, p. 39).

No texto *Para uma metodologia das Ciências Humanas*, Bakhtin (2017, p. 37) problematiza os limites da exatidão, tendo em vista a proximidade entre pesquisador e realidade/evento/objeto pesquisado, afirmando que a exatidão, nas Ciências Humanas, consiste na capacidade de não se fundir em um só dois sujeitos, isto é, na capacidade de “sobrepular a alteridade daquilo que é outro, sem o transformar em qualquer coisa que é para si”.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, ao tematizar a possibilidade de verbalização de nossas experiências vividas, Bakhtin (2010, p. 31) alerta para o fato de que esta verbalização nun-

ca as expressa em sua totalidade: "está sempre presente como aquilo que está por ser alcançado". Portanto, conforme síntese apresentada por Faraco (2009, p. 26), "dar sentido ao vivido verbalmente é um processo possível, mas sempre aberto, sua completude é sempre postergada".

Podemos estabelecer uma relação dessa inalcançabilidade do vivido com o que Bakhtin (1997, p. 90) comenta acerca da lógica específica da esfera artística: "a obra literária, como produto ideológico, não é nem cópia do real nem criação, mas um modo próprio de refração da realidade social", condição que também constitui o papel de autor:

O autor-criador é [...] uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida (FARACO, 2012, p. 39).

Logo, ao considerar os relatos construídos pelas educadoras enquanto enunciados concretos alvo de nossa análise, não podemos tomá-los como reflexo/descrição objetiva do vivido, muito menos como relato imediato e preciso das experiências em sua dimensão subjetiva. Os eventos da vida dessas educadoras nos chegaram refratados; e nós, como leitores responsivos ativos, reagiremos a eles de modo a criar algo novo, em uma réplica que propõe novos efeitos de sentido.

E isso já está previsto no ato criativo de quem compõe um texto pelo "princípio da exterioridade". Conforme Bakhtin (1997) afirma, no processo criativo, é preciso estar fora, olhar de fora; é preciso, portanto, de um "excedente de visão e conhecimento" para poder consumir esteticamente o herói e seu mundo, ou, em nossa análise, o pesquisador/docente em formação e seu mundo.

Ao abordar os desafios quanto a uma educação autoral no Ensino Superior, Cerutti-Rizatti e Dellagnelo (2016, p. 66) apontam, a partir da obra bakhtiniana, para a importância de desafiar os graduandos/autores a "um olhar exotópico em relação àquilo que lhes é familiar, tanto quanto convidá-los a imergir em especificidades da cultura escrita que caracterizam o grande tempo".

Tendo em vista a situação limítrofe do gênero

autobiografia no interior da esfera acadêmica, embora não seja um ponto central à reflexão que aqui propomos, cabe problematizar a questão do estilo, como esta dimensão se instância de modo particular em cada uma das esferas em confluência nesta investigação: a esfera literária e a esfera científica.

O modo de valorização do estilo se dá de forma distinta nos campos sociais. Enquanto o campo artístico valoriza os efeitos de estilo sobre o conteúdo, o campo científico se constitui em uma lógica distinta, ou seja, seus gêneros são elaborados em função da produção de efeito de teoria ou de objetividade. O que vale no campo científico é que o estilo deve subordinar-se à exposição de conceitos e categorias de análise, capazes de fazer avançar o estado de conhecimento da área (GRILLO, 2012, p. 151-152).

A partir das noções abordadas nesta seção, buscaremos analisar o *corpus* selecionado, conforme aspectos metodológicos descritos a seguir.

Sobre o método

"As ciências procuram o que permanece imutável em todas as mudanças (as coisas e as funções)".
(BAKHTIN, 2017, p. 59-60)

Este estudo, inscrito no campo dos Estudos do Texto e do Discurso, tendo como base linguística, filosófica e sócio-histórica a Teoria Dialógica do Círculo de Bakhtin, busca compreender, através da análise da seleção de experiências e das escolhas quanto aos modos de narrar, como estudantes/pesquisadoras do curso de Pedagogia/Educação se inscrevem enquanto autoras de seus textos autobiográficos e mobilizam estratégias de distanciamento e auto-objetificação, visando à leitura alheia.

A perspectiva dialógica, considerando as particularidades das diferentes metodologias e os gêneros do discurso mobilizados, atentará, assim, se voltada para a expressão do trabalhador, para os aspectos enunciativo-discursivos verbo-visuais em sua trama de sentidos (DI FANTI, 2019, p. 363).

Logo, quer configurar-se como "forma dialógica de saber", a fim de contribuir, de forma ética, estética e responsável, para a compreensão dos

fenômenos linguísticos da autorreflexão e auto-objetificação em sua dimensão constitutiva dos sujeitos (autores) da esfera acadêmica/científica:

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa, porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode ser mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (BAKHTIN, 2017, p. 66, grifo do autor).

Dadas as restrições de tempo para a consecução desta pesquisa (desenvolvida ao longo do segundo semestre de 2020, no âmbito da disciplina Teorias do Discurso em Interface, do PPGLet PUCRS), foram selecionados três enunciados concretos como *corpus* de análise: trabalhos finais de cursos de Pedagogia/Educação de três universidades de Porto Alegre/RS e Região Metropolitana (PUCRS, UFRGS e UNISINOS), publicados no primeiro semestre de 2020. A busca se deu nos repositórios digitais das instituições citadas, tendo como critério de escolha serem monografias constituídas por relatos autobiográficos (gênero que buscamos investigar neste estudo). No Quadro 1, encontram-se as informações codificadas para nossa análise. A referência completa de cada um dos trabalhos encontra-se ao final deste artigo.

Quadro 1 – *Corpus* Analisado

Narrativas	Autoras	Títulos
1	SILVA	<i>Planejamento pedagógico na educação infantil: trajetórias docentes e reflexões no contexto municipal porto-alegrense.</i>
2	SARAIVA	<i>Estágio Curricular em Pedagogia: "Navegar é preciso!"</i>
3	FONSECA	<i>A importância do brincar no desenvolvimento do pertencimento em crianças com deficiência na Educação Infantil.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Na seção seguinte, serão analisados trechos que julgamos relevantes enquanto materialização dos fenômenos linguísticos postos em tela.

A necessidade da livre autorrevelação do indivíduo: uma proposta de análise

"Aqui, o critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração. Neste caso, o conhecimento está voltado para o individual. É o campo das descobertas, das revelações, das inteirações, das comunicações".

(BAKHTIN, 2017, p. 58)

Nesta seção, buscamos tecer alguns comentários acerca das narrativas autobiográficas selecionadas, buscando dialogar, de forma responsiva, com os enunciados das autoras e com os autores que constituíram nossa seção teórica; uma vez que:

As Ciências Humanas são entendidas, pelo Círculo de Bakhtin, como ciências do texto/discurso, pois o que há de fundamentalmente humano no homem é o fato de ser um sujeito produtor de textos (orais e escritos, verbais, não verbais e sincréticos). Assim, pesquisador e sujeitos pesquisados são, como retratista e sujeito retratado, ambos, produtores de textos/discursos (DE PAULA, 2013, p. 254).

Conforme já elucidado na introdução, nosso diálogo, cumpre registrar, se dará principalmente com o texto *Por uma metodologia das Ciências Humanas* (BAKHTIN, 2017) e, também, com *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010); aquele, de modo especial, nos servirá de lugar a partir do qual analisaremos aspectos como autoria, alteridade e auto-objetificação instanciados nos textos que compõem nossa análise e será o mote organizador das seções que se seguem.

Narrativa 1: a consciência individual e o compartilhamento de vivências

A primeira narrativa autobiográfica a ser analisada é de uma graduanda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua monografia buscou descrever sua experiência de estágio na etapa da Educação Infantil, problematizando a aprendizagem docente quanto ao planejamento. Seu trabalho organizou-se a partir dos seguintes

capítulos e seções: (1) Considerações Iniciais; (2) Metodologia; (3) Os efeitos da experiência docente no planejamento cotidiano: (3.1) O que foi levado; (3.2) O que foi trazido; (3.3) O que mudou e o que se transformou; (3.4) O que permanece; (4) Considerações finais; (5) Referências.

O trecho apresentado a seguir encontra-se em sua introdução. Nele, é possível acompanhar um "relato reflexivo" sobre o curso de graduação e a construção de uma identidade docente:

Durante a graduação em Pedagogia, vivemos muitas experiências que nos deixam inúmeros aprendizados, enriquecemos nossos repertórios, descobrimos muitas possibilidades e ferramentas que podem ser utilizadas e/ou aperfeiçoadas em nossa vida profissional. Temos contato com diferentes colegas, algumas já atuando como professoras em escolas, e com diferentes professores e professoras da faculdade que, por sua vez, têm um jeito único de exercer sua docência, cada um à sua maneira, como resultado de uma bagagem de experiências reunidas e significadas a longo prazo. Na área da Educação Infantil (EI), são muitas as alternativas de construção de nossa docência iniciante. Somos incitadas(os) a pensar sobre as infâncias ao longo dos tempos, sobre o olhar voltado para essas infâncias e a repercussão desse olhar no atendimento às crianças, sobre a educação escolar dedicada a essas infâncias, seus princípios e finalidades, sobre os documentos oficiais que orientam a prática docente nacional, sobre a musicalização das crianças, brinquedos e brincadeiras, práticas que visam aprendizados e desenvolvimento físico, emocional, estético, cognitivo, sensorial, artístico e cultural, dentre tantos outros aspectos que devem ser contemplados no exercício da docência em Educação Infantil e na relação com as crianças e o conhecimento. Cada um desses aspectos despertados pelas experiências acadêmicas desse curso de graduação monta, aos poucos, parte da bagagem das professoras que seremos em nosso dia a dia de trabalho junto às crianças (SILVA, 2020).

Nesse parágrafo, temos a "introdução da introdução", isto é, momento em que a autora-criadora se apresenta, utilizando sempre a primeira pessoa do plural, um "nós" que une sua voz à de outras educadoras para refletir sobre as experiências vivenciadas ao longo do curso de graduação, o que as constitui e as leva a determinadas escolhas profissionais. Aqui, como recurso semântico e lexical (algo que perpassara toda a monografia, como buscamos elucidar ao apresentar os títulos de cada seção anteriormente), a autora se utiliza da grande metáfora da "bagagem" para semiotizar

suas experiências, tudo o que carrega ou deixa do vivenciado, bem como para materializar as vozes sociais que atravessam sua consciência individual e nela constituem interdiscurso. Logo, vemos sua inscrição no diálogo universal a partir da semantização do vivido por meio de um recurso linguístico, um sentido simbólico, estratégia amplamente empregada no âmbito das Ciências Humanas, em que vemos uma maior apreciação quanto ao valor estético de narrativas particulares, bem como uma maior valorização do conhecimento empírico, de pesquisas de cunho interpretativo: "A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinidade dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das Ciências Exatas" (BAKHTIN, 2017, p. 64). Portanto, conforme as palavras de Avierintsiev recuperadas pelo autor: "Cumprir reconhecer a simbologia não como forma não científica, mas como forma heterocientífica do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão" (BAKHTIN, 2017, p. 65, grifo do autor).

Ademais, ao emprendermos nossa leitura do excerto acima registrado, dialogamos com a compreensão bakhtiniana acerca da memória e seu lugar discursivo, na sua dupla constituição por "lembranças a serem preenchidas" e "possibilidades a serem interpretadas": "Nas lembranças, levamos em conta até os acontecimentos posteriores (no âmbito do passado), ou seja, percebemos e interpretamos o lembrado no contexto do passado inacabado" (BAKHTIN, 2017, p. 64); pois uma interpretação sempre é cerceada pelas condições sócio-históricas e também psicológicas do sujeito no instante de sua enunciação. Em outra etapa de sua trajetória, talvez, a autora registrasse o mesmo conjunto de experiências de maneira distinta, posto que a consciência individual se constitui dialogicamente, portanto, as lembranças em si não são definitivas, completas, são também enunciados inacabados a serem sempre outros a cada vez que são evocados.

Pensando especificamente sobre a formação inicial de pedagoga pela Universidade Federal

do Rio Grande do Sul (UFRGS), vivida por mim desde o ano de 2013 até o presente ano de 2020, surge uma reflexão sobre as disciplinas que nos proporcionaram a vivência prática da docência. Foram experiências breves – a primeira com 1 semana com 20 horas de observação + 1 semana com 20 horas de prática (as chamadas minipráticas) em 3 disciplinas e a segunda com o estágio obrigatório de 15 semanas – e um tanto artificiais do ponto de vista profissional, pois se tratam de inserções pontuais, respaldadas e protegidas pela condição estudantil e livres das atribuições, relações de trabalho e cobranças que recaem sobre as profissionais docentes em exercício. Apesar disso, essas experiências trazem muitos aprendizados, pequenas provas do que será nossa vida profissional futura, e um tanto de dúvidas sobre a realidade da profissão escolhida (SILVA, 2020).

Já nesse trecho, ainda na introdução da monografia, vemos uma alternância entre o uso da primeira pessoa do singular "vivida por mim" e da primeira pessoa do plural "nos proporcionaram" ainda no mesmo enunciado, no qual vemos o duplo movimento de individualização e de inserção em um coletivo de sujeitos sociais:

O sujeito tem, desse modo, a possibilidade de singularizar-se e de singularizar seu discurso não por meio da atualização das virtualidades de um sistema gramatical [...], ou da expressão de uma subjetividade pré-social [...], mas na interação viva com as vozes sociais (FARACO, 2009, p. 87).

Logo, constatamos que, nesta narrativa, apesar da objetividade de dados trechos descritivos – "20 horas de observação + 1 semana com 20 horas de práticas", vemos um acento valorativo característico de gêneros discursivos que permitem maior agenciamento da função autor-criador. No excerto, "um tanto artificiais do ponto de vista profissional, [...] cobranças que recaem sobre os profissionais docentes em exercício", encontramos resposta a uma problemática antevista pela pedagoga em formação. A autora condena a artificialidade de uma prática profissional de pouca duração que não prepara docentes recém-formados para os reais desafios que enfrentarão em seu dia a dia em sala de aula. Isso, conforme antecipado pela graduanda, tem por consequência uma série de cobranças precoces, sob seu ponto de vista. Em suas obras, Bakhtin propõe que as posições socioavaliativas postas em dinâmica, configurando-se enquanto inter-relações responsivas, são a

forma que move o universo de práticas culturais. Logo, esse trecho evidencia a relação responsiva da autora perante um horizonte social: forças ideológicas que colocam o educador sempre em posição de escrutínio.

Narrativa 2: o autor-criador e seu horizonte próprio

Agora, analisemos um trecho do texto de uma segunda educadora. Trata-se de uma graduanda que busca descrever uma experiência de intervenção específica com uma educanda em contexto de vulnerabilidade social. Os capítulos de seu trabalho de conclusão de curso, cujo título é *Estágio Curricular em Pedagogia: Navegar é preciso!*, foram intituladas da seguinte forma: (1) Introdução; (2) Viajando pelo oceano; (3) Os eixos do barco; (4) O vento no rosto e barulho do mar; (5) A ilha até então desconhecida; (6) A morada é uma ilha; (7) Referências. Analisemos o primeiro trecho, situado no capítulo 2:

Muitas foram as experiências adquiridas no decorrer do processo de estágio que teve início em agosto de 2019 e que se encerra no final deste ano. No início desta viagem chamada estágio profissional, foi necessário preparar meu barco, para, então, explorar lugares e territórios desconhecidos, e mesmo sabendo que navegando por estes mares eu teria muito a aprender e descobrir, também foi necessário levar comigo as bagagens que carregava desde o início da minha trajetória, para que, assim, eu pudesse me sentir mais encorajada a desbravar o mar (SARAIVA, 2020).

Entre algumas intervenções, realizei acolhimentos, atendimentos individuais, participação e coordenação de grupos e atendimentos aos pais. Minha trajetória de vida sempre esteve entrelaçada com a prática de cuidar, educar, proteger e acolher crianças e adolescentes. Penso que não somente o fato de ter experiências com crianças possa ter influenciado a minha escolha por escrever sobre essa e não sobre qualquer outra intervenção, mas também por considerar que foi a mais desafiadora e surpreendente, na medida em que me despertou muitas dúvidas e angústias e que, conseqüentemente, me impulsionou a buscar respostas sobre as curiosidades que surgiam a partir dos acontecimentos no processo de intervenção (SARAIVA, 2020).

Nesse trecho e no transcorrer de todo o trabalho, é fundamental destacar o acabamento estético buscado pela autora. O foco central de

seu trabalho aborda um tema triste, duro, sensível: os desafios, as dúvidas e as angústias vivenciados por ela, como profissional em formação, ao deparar-se com uma criança que se suspeitava ter passado por abuso sexual por parte de um de seus cuidadores. Assim, para descrever, significar e criar efeitos de sentido que amenizam a contundência do que é narrado, a autora utilizou-se da grande metáfora da navegação em alto mar: sua viagem pelo estágio profissional; os eixos que balizaram suas ações/barco; os momentos em que se sentiu segura e conseguiu intervir na realidade que se lhe apresentava – vento no rosto e barulho de mar –; sua relação com a educanda, ora representada como força da natureza, do mar, ora como residindo em uma ilha, em sua dificuldade em abrir-se e falar sobre o que havia vivenciado/sofrido. Sua narrativa autobiográfica, suas escolhas discursivas e o empenho por um acabamento estético sensível e generoso com o que é narrado e com quem será o interlocutor de sua narrativa, compõem um rico e complexo processo de semiotização de suas experiências e de distanciamento em relação a suas próprias sensações e sentimentos frente ao vivenciado:

A semiose não é um processo de mera reprodução de um mundo "objetivo", mas de remissão a um mundo múltipla e heterogeneamente interpretado, isto é, aos diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos em cada momento de sua experiência humana (FARACO, 2012, p. 39).

Vejamos, agora, um trecho em que ela descreve suas interações e avaliações acerca da educanda. O nome utilizado é ficcional.

As ondas do mar pareciam tranquilas e favoráveis, fazendo, assim, que eu me sentisse mais segura, mas, apesar de Giulia carregar uma potência de energia positiva, na medida em que nos aproximávamos através de brincadeiras e momentos de descontração, percebia que, na tentativa de acessar aspectos emocionais relacionados à sua relação familiar e seus sentimentos, Giulia se fechava. Era só eu tentar posicionar o leme de meu barco para outras direções que o vento forte dificultava meus movimentos, então percebia o quanto podia ser difícil chegar ao que precisava ser descoberto. Tinha algo de estranhamento, algo que Giulia se incomodava, se sentia desconfortável e de toda forma fazia o máximo para evitar. Não gostava

de falar sobre o final de semana em família, evitando comentar sobre as coisas que gostava de fazer na presença de [...] (SARAIVA, 2020).

Novamente, vemos a singularidade com que a estudante busca apresentar ao leitor a aluna Giulia: além dos adjetivos avaliativos, há, novamente, o paralelo com o mar. Igualmente, a autora se posiciona na cena enunciativa, buscando representar suas tentativas de aproximação, auxílio e intervenção junto à educanda, por meio da figura do barco acometido pelo vento forte, materializando a dicotomia sintetizada por Grillo (2012, p. 135): enquanto o "objetivismo universaliza a relação erudita ao objeto da ciência, o subjetivismo universaliza a experiência que o sujeito do discurso faz de si próprio enquanto sujeito". Assim, vemos uma sequência discursiva muito próxima daquelas prototípicas dos textos da esfera literária, pois ancora-se fortemente na experiência do indivíduo, do sujeito-autor, que, por sua vez, utiliza-se da "máscara" de autor-criador para inserir no diálogo universal a singularidade de sua experiência.

Narrativa 3: graus de alteridade ou assimilação da palavra alheia

O terceiro texto analisado é de uma estudante da área da educação especial. Seu trabalho organiza-se a partir dos seguintes componentes: (1) Introdução; (2) Método; (3) Resultados; (4) Discussão e Considerações Finais; (5) Referências. Embora seus títulos sejam bastante canônicos, descrevendo apenas etapas estipuladas pela metodologia científica tradicional, há todo um tratamento estético das narrativas que os compõem, no sentido de relatar as experiências com um educando com espectro autista, representando-o como o Pequeno Príncipe, da obra de Saint-Exupéry. Vejamos:

Hoje, aproveitei a aula de Música para uma aproximação mais efetiva do Pequeno Príncipe. Procurei trazer objetos do seu interesse, dicas da família, para estabelecer um contato maior com ele. Pequeno Príncipe respondeu de forma surpreendente, aceitando meu convite para entrar na sala de aula e explorando, por um longo período, os personagens da Patrulha Canina, enfileirando-os (FONSECA, 2020).

Entretanto, de modo distinto do que vimos nos outros enunciados analisados, esta autora buscou certo distanciamento, marcando suas valorações e emoções acerca das ações do aluno de modo mais sintético, menos explícito.

Hoje, quando cheguei ao pátio, Pequeno Príncipe estava brincando e, ao ouvir sua colega chorando, saiu correndo ao encontro dela. Parou na sua frente e demonstrou estar incomodado com seu choro. Explicamos a ele que ela estava triste porque tinha se machucado. Momentos depois, outro coleguinha caiu e chorou. Pequeno Príncipe veio na sua direção e perguntou: - Triste? Foi emocionante (FONSECA, 2020).

Essa foi uma semana especial para mim e para ele. Pequeno Príncipe vem tentando emitir alguns sons por imitação e, nesta semana, conseguiu emitir algumas palavras: pediu mais pão na hora do lanche e água ao retornar da Educação Física (FONSECA, 2020).

Vemos que, na primeira cena narrada, como autorrevelação individual (BAKHTIN, 2017), temos apenas a afirmação "Foi emocionante". Já no segundo trecho do relato, há uma inscrição utilizando-se o pronome em primeira pessoa – "semana especial para mim e para ele", além de recorrer a adjetivos, como no trecho anterior, usos que evidenciam valorações positivas frente à progressão do educando: "os juízos de valor delineiam a própria relação eu-outro, edificando discursos em determinados tons" (DELANOY; GONÇALVES; BARBOSA, 2016, p. 130).

Assim, em uma análise comparativa com os outros relatos, embora os acentos valorativos sejam mais velados nesta narrativa, ainda assim é possível vislumbrar trechos que extrapolam a mera descrição: ao afirmar que a semana havia sido especial para os dois, para o educando – que conseguiu verbalizar algumas palavras em interação – e para ela, a educadora deixa-nos entrever suas expectativas e sua satisfação com o momento vivenciado:

[...] não é possível reduzir a interação ao proposicional, porque antes de ser mero objeto de conceitualização, a interação é, desde sempre, uma relação que nos obriga a responder à face (à exterioridade do outro): antes e para além de ser objetificada, a inter-relação é, portanto, vivida (FARACO, 2009, p. 156).

É possível subentender, dadas as escolhas estilísticas da autora, sua concepção acerca dos textos da esfera acadêmica, em que o conhecimento a ser construído, a realidade a ser descrita, deve se sobrepor a um maior grau de subjetividade. Logo, isso também aponta para um índice de alteridade, pois evidencia a constituição dos enunciados a partir do que ela considera que se espera de seu texto e de suas afirmações.

Muitos outros enunciados poderiam ganhar espaço aqui, a fim de elucidar a riqueza do gênero autobiográfico ou de sequências autobiográficas em textos acadêmicos, mas, dadas as restrições deste momento de pesquisa, encerramos nossa análise nestas linhas. Na seção seguinte, apresentamos nossas considerações finais.

Apontamentos finais

"Os diferentes extratos da alma se prestam igualmente à exteriorização. O núcleo artístico não exteriorizável da alma (ou eu-para-si)".
(BAKHTIN, 2017, p. 61)

O presente artigo teve por objetivo compreender, através da análise da seleção de experiências e das escolhas quanto aos modos de narrar, como estudantes/pesquisadores do curso de Pedagogia/Educação se inscrevem enquanto autoras de seus textos autobiográficos e mobilizam estratégias de distanciamento e auto-objetificação. Para tanto, após abordagem teórica acerca de temas como autoria, consciência individual, excedente de visão e conhecimento e auto-objetificação, na análise, foram discutidos enunciados de três trabalhos acadêmicos.

Embora tenhamos como pressuposto que nenhuma realidade é redutível ao ponto de se conceber uma análise totalizante das experiências narradas, foi possível vislumbrar o horizonte e as vozes das educadoras ao se inscreverem no diálogo universal. Conforme reflexão de Bakhtin (2017, p. 60), não se pode mudar a materialidade constitutiva de uma enunciação anterior, passada; "no entanto o aspecto do sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)".

Compreendendo a autoria enquanto posição axiológica, a qual, por sua vez, é “um todo uniforme e homogêneo, mas agrega múltiplas e heterogêneas coordenadas” (FARACO, 2012, p. 38), buscamos tematizar, de modo inicial, o tratamento estético, as escolhas lexicais e estilísticas e os índices de alteridade, assimilação do discurso alheio, distanciamento e auto-objetificação puderam ser divisíveis nos enunciados concretos aqui visibilizados.

Neles, pode-se observar que “o ato ético, responsável e responsivo [...] é baseado no reconhecimento da obrigatoria singularidade, que se dá pela existência do ser e, conseqüentemente, sua impossibilidade de ser neutro” (DI FANTI, 2019, p. 356). Logo, seja na problematização de desafios de uma docente iniciante ao posicionar-se enquanto autora de seus instrumentos de planejamento e ensino, seja no convite a compreender as vulnerabilidades e incertezas de uma educadora frente a um contexto familiar complexo vivenciado por sua aluna, seja no movimento-percurso de uma professora que busca adentrar o universo de seu aluno especial, seja, ainda, na compreensão da heteroglossia que constitui nossos discursos e identidade profissional, os relatos circunscritos neste estudo evidenciam o quanto utilizar-se de seu excedente de visão constitui a prática docente, tendo em vista que: “A criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar” (AMORIM, 2006, p. 102).

Por fim, reconhecendo o contexto educacional e o educador em formação como “um ser em processo, interconectado em múltiplas relações e alterado no evento do ato” (DI FANTI, 2019, p. 366), a reflexão aqui proposta se inscreve junto a propostas que valoram o saber empírico, o saber da experiência (FREIRE, 1979) como fundamental para a construção de saberes acadêmicos.

Referências

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das Ciências Humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2017. p. 57-80.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

BRAIT, Beth; NUNES, Jozanes Assunção. Cenários educacionais contemporâneos em perspectiva dialógica. *Letra Magna*, [S. l.], ano 14, n. 23, p. 1-23, 2018.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; DELLAGNELO, Adriana de Carvalho Kuerten. Desafios à educação para a autoria na esfera acadêmica. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 69, n. 3, p. 63-76, set./dez. 2016.

DELANOY, Cláudio Primo; GONÇALVES, Tamiris Machado; BARBOSA, Vanessa Fonseca. Construção valorativa de fatos sociais: a multiplicidade de discursos. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 127-135, jan./mar. 2016.

DE PAULA, Luciane. Circulo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

DI FANTI, Maria da Glória Correia. Questões de (in) visibilidade: linguagem e trabalho. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 350-369, set./dez. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. Autoria. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 37-60.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Circulo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FONSECA, Nicole. *A importância do brincar no desenvolvimento do pertencimento em crianças com deficiência na Educação Infantil*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRILLO, Sheila. Vieira de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-160.

LILLIS, Theresa M. Whose... common Sense? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, Carys; TURNER, Joan; STREET, Brian (org.). *Students writing in the university: cultural and epistemological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 127-140.

SARAIVA, Vanessa. *Estágio Curricular em Pedagogia: "Navegar é preciso!"*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

SILVA, Thamyres Pacheco. *Planejamento pedagógico na educação infantil: trajetórias docentes e reflexões no contexto municipal porto-alegrense*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Ed. 34, 2018.

Patrícia Azevedo Gonçalves

Mestra em Gramática e Significação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/CNPq), em Porto Alegre, RS, Brasil; especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; graduada em Letras Português pela UFRGS; doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CNPq).

Endereço para correspondência

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Letras
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 8
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.